

ESCREVIVER: O DECURSO COMO EXPERIÊNCIA DA PESQUISA DA VIDA TODA, QUE NÃO TEM TAMANHO¹

Maruzia Dultra²

Decurso é espaço-tempo. É ato ou efeito de decorrer; tempo de duração. É distância percorrida; percurso. É nele que paisagens são avistadas, desejadas, imaginadas... É nele que se desenha a linha do escrever.

¹ Este trabalho é um desdobramento da dissertação de mestrado "Corpografias: incursão em pele imagem escrita pensamento", realizada no PPGAV/ECA/USP em 2012 com bolsa CAPES, sob orientação da Prof^a Dr^a Branca de Oliveira.

² Aprendiz do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA) com bolsa Fapesb. maruziadultra@gmail.com.

✉ Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, Faculdade de Educação da UFBA, Vale do Canela, Salvador, BA. 40110-100.

Quis escrever, e não tinha como (pois me obriguei a viajar sem cadernos para constranger o aparecimento de ideias). Se tivesse ali uma caneta, poderia escrever na pele, clichê do “Livro de cabeceira”³. Mas não tinha e veio a vontade: organizar as células de maneira que, com elas, escrevesse os pensamentos.

Que fosse possível alinhá-las para formar letras; das letras, palavras; conjugar verbos, formular frases, períodos, ideias. Que a escrita dispensasse o lugar fixo e corresse como sangue, umidificasse as mucosas, cedesse às enzimas e labilidades hormonais. Que as celulazinhas permitissem um ordenar outro de inscrição do vivo.

³ Filme de Peter Greenaway, com roteiro baseado no livro “Makura no soshi”, de Sei Shōnagon. Título original: “*The Pillow Book*”. EUA, 1996, 120 min., son., color.

O trabalho de um pesquisador não acaba – entre o sonho e a vigília, vivem-se vultos cotidianos que comportam o estado necessário à invenção. É preciso, então, escutar com a intensidade da ausculta: dar ouvidos a movimentos imperceptíveis, que, no entanto, são indispensáveis. No exame médico, por exemplo, ausculta-se um coração, um feto. Na pesquisa, há que se escutar sua vontade genética. Aquela amalgamada na pergunta e no perguntador. Como se a enunciação levantada por uma pesquisa fosse potencialmente reveladora de seu motor, muito mais que de respostas – uma provocação ao interrogador. Criar é a ausculta que faz o inventor. Ele olha os mesmos objetos que todos, mas cria os seus, vê neles sua marca. Extrai linhas e relações impossíveis das coisas; antevê formas que a matéria guarda, inventa-as. Mais que revelar, a operação poética cria o ainda não visto, nem sentido. Na pesquisa, auscultam-se mundos, vidas – aqueles movimentos imperceptíveis, que, no entanto, são indispensáveis. Seu trabalho não começa aqui ou ali, ele não para; sua pesquisa acontece a cada abrir os olhos, dormindo até – basta-o a condição de estar vivo. O que distingue os dois intervalos – o sonho e a vigília – é o tipo de vontade que sobre eles opera. O primeiro, zona indeterminada, é regido por vontades involuntárias – no sonho reina a impotência de uma terra que se reconhece, mas somente como expropriação. Este estado incognoscível atribui ao sonho uma qualidade criativa, insubmissa a qualquer tipo de exigência ou correspondência. No outro lado, está a vigília, quando se desenrola a pragmática diária. Ela é a zona na qual se pretende determinações; está sob a égide da vontade consciente. Esta, por sua vez, sendo de cunho reativo, embarga a criação. Porém, no estado vigilante, há ainda outro tipo de vontade – que não é a onírica, nem a ordinária. É desta vontade, pois, que usufruem artistas, pesquisadores, pensadores. Dela dependem suas atuações. E, cheio desta vontade, estava o homem que encarnou a pesquisa da vida toda, que não tem tamanho:

Ele trabalhava caminhando e de tempos em tempos estacava bruscamente, procurando num de seus bolsos profundos um caderninho de *papel costurado*; escrevia nele um pensamento, uma frase, uma palavra, um lembrete, *um sinal que só ele poderia entender* e, fechando o caderno, retomava sua corrida com mais intensidade. Essa era sua maneira de compor. Mais de uma vez, ouvimo-lo exprimir o desejo de caminhar na vida ao longo de uma imensa tirinha que se enroscava atrás dele, na qual ele anotaria as *ideias* que lhe viessem na estrada, de maneira a formar no final do caminho um volume de uma única linha.⁴ ○

⁴ Jacques Derrida, *Papel-Máquina*, São Paulo, Estação Liberdade, 2004, trad. Evando Nascimento, p. 246 (nota 19: P.S. do P.S.).

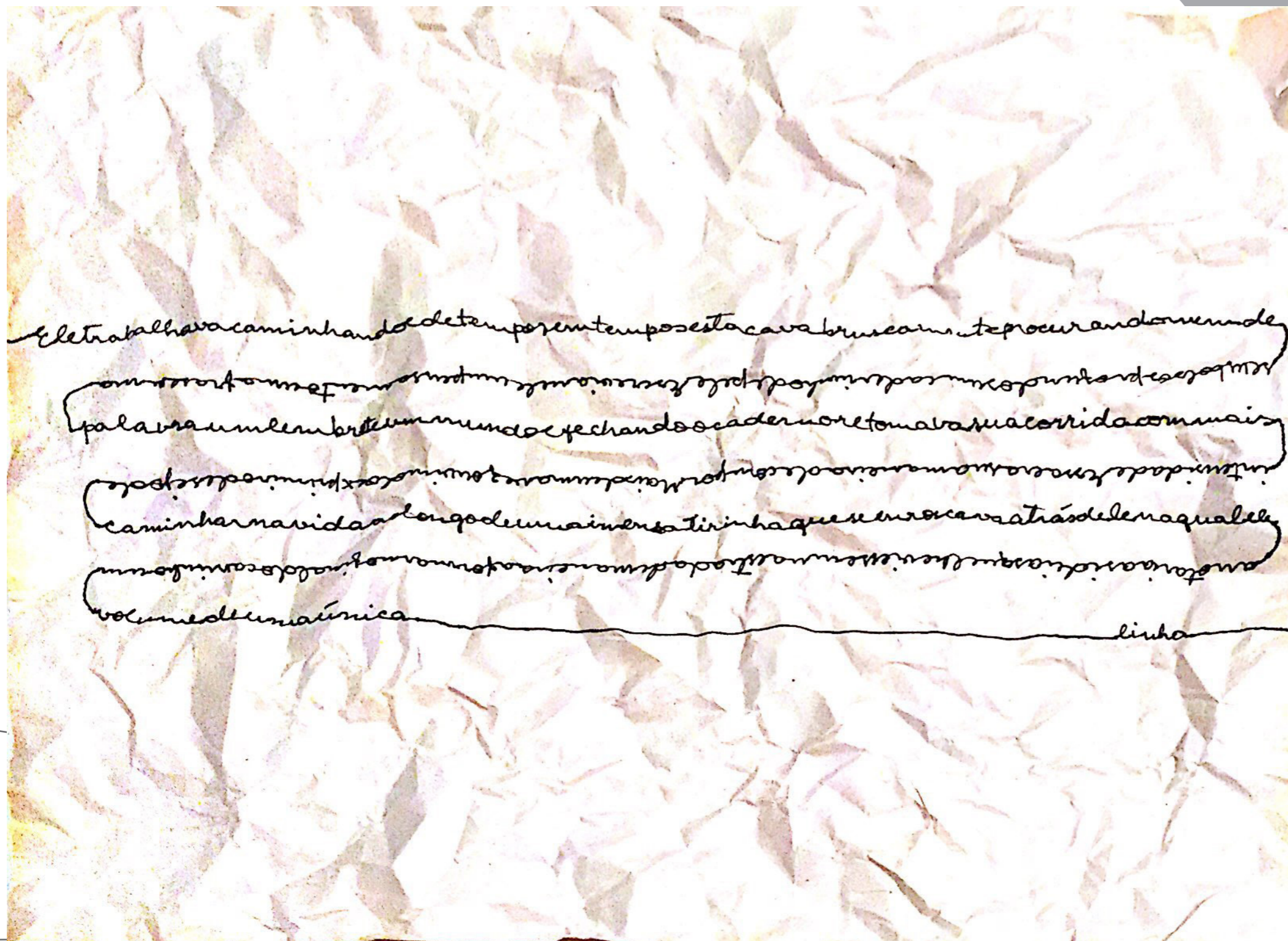


Figura: Caderninho de pele.⁵
 Fonte: DULTRA, M., 2012

5 A imagem apresenta o trecho anteriormente citado, sendo que as passagens em itálico foram adulteradas nesta Experimentação.